

A REVOLUÇÃO SOMOS NÓS

Cristiana Nogueira Menezes Gomes – UNIFAP

RESUMO

Este texto trata de questões evocadas pelas ações do Coletivo Catita, a partir da análise da exposição 'DEZCONSTROEM 30 DIAS', realizada no SESC-AP e no Teatro das Bacabeiras, de 25 de novembro de 2011 a 30 de janeiro de 2012.

Palavras-chave: Arte Contemporânea; Amapá; Coletivo Catita

ABSTRACT

This text is about some questions brought by the Coletivo Catita actions, from the analysis of the 'DEZCONSTROEM 30 DIAS' exposition, realized on the SESC-AP and on the Bacabeiras Theater, from November 25th, 2011 to January 30th, 2012.

Key words: Contemporary Art, Amapá, Coletivo Catita

De longe se ouvia o som da montagem, tal como os barulhinhos de construção e demolição das casas no jogo *SimCity*¹ a ebulição do movimento de entra e sai dos artistas e do público presente na abertura da exposição.



Abertura da exposição DEZCONSTROEM, Sesc-AP 2011

O relógio parado na entrada indicava que estávamos em outro espaço-tempo. Não mais a galeria ~~cubo-branco~~ institucional do SESC-AP, mas um espaço de

experimentação. Os jornais velhos cobriam o chão, as latas de tinta estavam pelos cantos, a escada ainda permanecia no espaço expositivo. Tudo encenado? Sim e não. Ainda que a proposta do coletivo fosse de uma exposição em eterna construção (ou desconstrução), parte dos objetos que estavam ali faziam parte de uma cenografia para que o público entrasse neste clima. Ao mesmo tempo, as tintas precisavam estar ali para que o público pudesse intervir na parede reservada a ele, assim como a escada ~~fazia parte de~~ complementava o trabalho 'brechando' de Jenifer Nunes.

Esta brincadeira entre o que estava lá de propósito ou como um elemento de cena, exigia do público um olhar mais atento do que o normal. Diferente de muitas exposições apresentadas naquela galeria, que costumam ser ainda muito voltadas para uma montagem mais tradicional, esta instigava o espectador a olhar cada detalhe e perceber os diversos significados dos objetos presentes ali.

Havia uma mistura da estética de gabinete de curiosidades - em que temos um mundo infinito de coisas para olhar e explorar, um lugar em que tudo se inter-relaciona e, ao mesmo tempo, é único - como a questão da precariedade, da ruína ou do que está por vir, em que sempre há a espera da mudança, do surgimento de algo novo, da surpresa. Era como se estivéssemos de frente para um quadro da 'Série Os Sentidos' de Rubens e Brueghel, em que cada detalhe



Série Os Sentidos - A visão - Pedro Paulo Rubens; Jan Brueghel "o Velho", 1617²

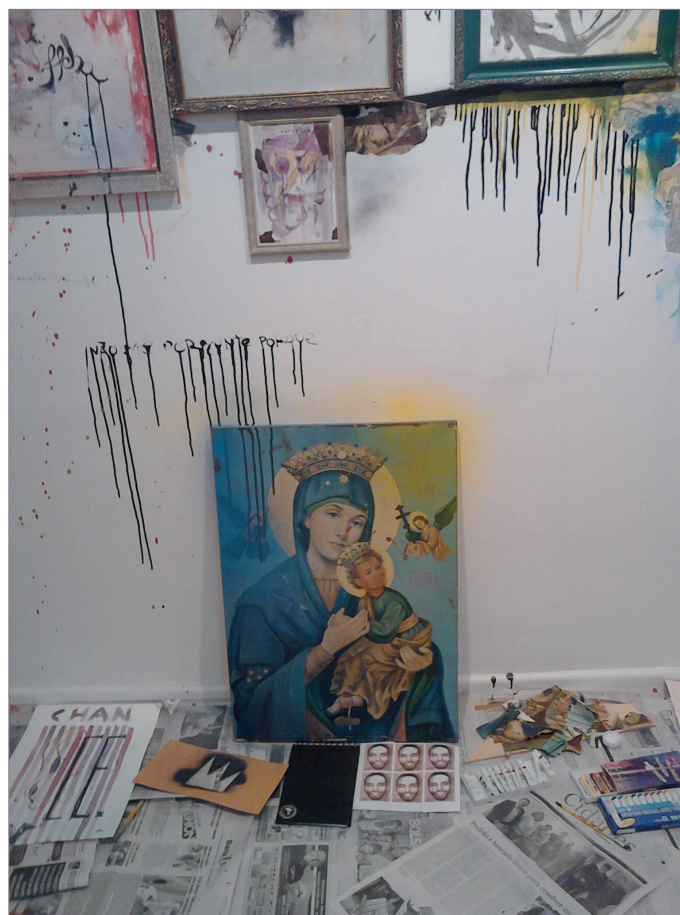
dentro do ambiente representado no quadro é importante e relacionado com um dos sentidos humanos, ou mesmo dentro do casebre de Rubens Espírito Santo, na mostra Paralela de 2006, ocorrida no Prédio da Prodan, no Parque Ibirapuera, em que ele constrói um ambiente no qual o espectador pode ficar horas se deliciando com os cadernos com anotações, fotos e objetos que fazem parte de sua vida.



Rubens Espírito Santo 3ª Cabana (Cabana o Risco), 2006
Paralela, Prédio da Prodan, Parque do Ibirapuera
técnica mista, dimensões variáveis ³

É como se fosse um ambiente pseudocientífico, uma paródia com a onipresente temática do arquivamento, da memória, da arqueologia dos objetos ~~(da vida)~~ que ronda a arte contemporânea. Uma necessidade imensa do ser humano em criar uma taxonomia foucaultiana do mundo e, neste caso, de sua autobiografia. Cada um dos artistas inventariou o seu mundo para que o público pudesse ter acesso. Eram pastas, papéis, rabiscos, fotos e músicas que ajudavam o espectador a criar diferentes caminhos ficcionais. São resquícios que podem ser montados de acordo com a história de cada pessoa.

O trabalho de Daniel Nec traz isso à tona ao ironizar abertamente suas referências pessoais, numa espécie de apropriação ~~declaradamente sem vergonha~~ feita através de seus comentários escritos na parede a respeito de seu próprio fazer artístico. Suas ilustrações apresentam uma maturidade ao sair do papel e ir para a parede, com a opção clara pelo caminho de sempre por em dúvida o espectador em relação ao seu trabalho. Ao trazer as molduras, explora a questão da pintura necessitar estar no chassi ~~(pois, teoricamente, só assim seus desenhos adquirem o status e valor de arte 'de verdade')~~. E isto torna-se claro quando sabemos que ele tem todo seu trabalho pautado no design e publicidade, e, ao ironizar e tatear o terreno da arte, o faz a partir desta experiência prévia, por isso suas referências ao Basquiat e Andy Warhol serem tão fortes e presentes. Aqui, percebe-se exatamente a questão da mudança de recepção da arte que passa da esfera religiosa para a práxis política⁴, e que, neste caso, é de exposição e inserção num espaço antes restrito a artistas 'tradicionais' do Estado ou exposições vindas de fora.



Trabalho de Daniel Nec, exposição DEZCONSTROEM, Sesc-AP 2011/2012

Claro que com este tipo de proposta de exposição o risco de se perder é maior. No entanto, os resultados também tornam-se surpreendentes. Independente de qualquer proposta educativa formal, seja do grupo ou da instituição, a exposição nos chama para interagir e intervir naturalmente, como pôde ser visto em relação a euforia das crianças e de alguns adultos também presentes na abertura. O aspecto de inacabado proporciona isto, dá uma liberdade que em outros tipo de exibição não temos. É importante que isto ocorra, que tenhamos novas possibilidades de interação com a arte que não só as que já estamos acostumados, onde tudo já vem pronto e acabado. Proporcionou-se ao espectador acompanhar o processo criativo do artista, o processo de realização e montagem de uma exposição *in loco*.



Trabalho de Daniel Nec, exposição DEZCONSTROEM, Sesc-AP 2011/2012

Nesse sentido, a coragem do grupo em apresentar algo tão inovador no circuito de arte do Estado do Amapá é um grande mérito. Mas não podemos deixar de atentar para certas questões que escaparam neste primeiro momento. Em muitos casos, não havia legenda nos trabalhos, impossibilitando que o espectador soubesse quem era o autor, dando uma (falsa) impressão de autoria coletiva. Outro aspecto é a grande heterogeneidade do grupo. É óbvio que por ser um coletivo isto é inerente, porém, em uma proposta como essa, em que a curadoria é coletiva (e aberta), isso se exacerba de tal forma que pode comprometer a interação entre os trabalhos, ao criar um abismo entre eles e apagar a qualidade de trabalhos não tão grandiosos expressivos.



'brechando' de Jenifer Nunes, exposição DEZCONSTROEM, Sesc-AP 2011/2012

Uma artista que se destaca é Jenifer Nunes. De maneira singular ela apresenta trabalhos que se distanciam da ilustração, do *graffiti* ou das referências de elementos/imagens da cultura pop (Marilyn Monroe, Branca de Neve, Simpsons etc) que predominam na produção do grupo. São objetos que provocam o espectador, não só em relação à temática como também ao posicionamento do mesmo na galeria. Ao incorporar a escada ao 'brechando', ela força o público a sair da inércia da ~~deambulação~~ do passeio 'regulamentar', tendo que subir (e se abaixar), ao mesmo tempo que olha por pequenos buracos numa caixa na parede.

O conteúdo surpreende porque demoramos a perceber do que se trata cada imagem, pois ao optar pelo uso do negativo colorido iluminado por trás, como se fosse um ~~positivo~~ *slide*, ocorre um lapso de tempo até nos acostumarmos com a inversão das cores e sombras. Além disso, após este tempo para entender a imagem, há o choque do espectador ao perceber qual a temática proposta pela artista. Já no título, ela deixa claro que somos voyeurs ao tentar olhar por um espaço tão pequeno, como um buraco de fechadura.



brechando' de Jenifer Nunes, exposição DEZCONSTROEM, Sesc-AP 2011/2012

Ao se deparar com a imagem em si, o espectador se dá conta de que está penetrando na intimidade de alguém pois temos ali expostos corpos nus ou partes deles, em situações que em nenhum momento transparecem teor sexual ou erótico, mas sim o relaxamento daquele corpo em seu cotidiano, livre de amarras e roupas. É o corpo nu por ele mesmo.

Durante o período da exposição na galeria do Sesc-AP, houve uma outra exposição do coletivo, numa espécie de adendo da exposição principal, no porão do Teatro das Bacabeiras. Com um tipo de proposta semelhante, o grupo ocupou o espaço com diferentes trabalhos dos que foram apresentados na galeria do Sesc, além de contar com a participação de outros artistas convidados. Se antes tínhamos um espaço apropriado formal que foi desconstruído para uma exposição de arte, agora temos um local 'alternativo', em que a proposta do inacabado, *work in progress, do it yourself*, se encaixam quase que perfeitamente. O porão do teatro funciona normalmente como um depósito improvisado, em que restos de cenários, poltronas velhas, lâmpadas queimadas e pedaços de madeira ocupam e habitam o espaço, juntamente com os pilares de sustentação do palco.



Exposição DEZCONSTROEM, Porão do Teatro das Bacabeiras, 2011

Quase como um *bunker*, o porão acolhe os trabalhos do coletivo. Passeia-se entre restos, resquícios de uma encenação anunciada, como se aquele espaço tivesse sido pensado e construído para aquela exibição. Quase uma situação do Artur Barrio..... Numa iniciativa conjunta com o FIM (Festival Imagem-Movimento), havia projeção de filmes em um dos cantos do porão, numa espécie de polifonia, em que tudo era dito ao mesmo tempo: desenhos, performance, instalação, cinema.

Começamos o texto com a afirmação de Beuys retirada da partitura *Die Revolution sind wir*⁵ trabalho contundente em que ele exalta a importância da coletividade e a da autodeterminação do indivíduo. Partimos deste princípio, pois é importante que acreditemos que todos somos capazes de mover criativamente a sociedade em que vivemos. É o artista como um ser capaz de propor questões que de fato façam com que as pessoas consigam não só se transformar individualmente como também o seu entorno. É claro que sendo uma das poucas iniciativas neste sentido, ainda apresenta uma série de questões que precisam ser discutidas, como a inserção da arte de rua na galeria, o uso do espaço institucional versus o espaço urbano, os trabalhos ainda voltados para questionamentos superados da cultura

pop, entre tantos outros, mas é necessário que haja ações como esta para a criação de um circuito de arte contemporâneo no Estado.



Exposição DEZCONSTROEM, SESC-AP, 2011-2012

Também é importante ressaltar que por ser uma região periférica, a inserção em um circuito que abrange praticamente apenas o sul-sudeste, o isolamento e falta de contato com as discussões e práticas desenvolvidas é ainda maior. Além disso, apesar de ser vizinho de estados que têm uma produção significativa de arte (e temos como exemplo o Salão Arte Pará, que em 2011 teve sua 30ª edição, ou mesmo o Salão Unama de Pequenos Formatos, que este ano está em sua 18ª edição), o Amapá não se inclui nem mesmo neste circuito da região Norte. Houve o mapeamento do Rumos Itaú Cultural, que ocorreu em 2011, para tentar entender porque não há quase nenhuma representatividade do Estado em suas edições.

Na maioria das casos, o que ocorre é um descompasso entre o que é produzido e pensado no Amapá (distante de questões que são inerentes à arte contemporânea) e o restante do Brasil. E não estamos falando aqui de questões muito em voga sobre o que é a produção local/global⁶, mas sim de um sintoma que reflete, talvez, a necessidade de se questionar o que é a arte contemporânea no

Amapá, pois tais conceitos estão relacionados à noção de identidade cultural, mesmo que forjada, já que ainda há resquícios de uma falsa noção de que tudo o que vem de fora é melhor, e neste caso o exemplo mais adequado é o Pará, por seu forte vínculo no passado.

A pesquisa, a prática e reflexão sobre a arte contemporânea que são desenvolvidas hoje no Amapá ainda estão vinculadas ou a uma continuidade da produção artística com meios tradicionais de temática ribeirinha e traços de um suposto surrealismo, ou se volta apenas para o que se produz no restante do Brasil e mundo em geral, sem que se busque o porquê desta lacuna no Estado. Geralmente são ações isoladas, que ocorrem sem uma reflexão posterior ou uma continuidade das propostas. Vemos em iniciativas como esta um caminho para que as pessoas sejam instigadas pela arte contemporânea e percebam que ela faz parte da vida cotidiana de todos. Não podemos deixar de ressaltar que isso depende de que todos que acreditam nessa mudança se unam para realizar ações com a qualidade do que foi proposto pelo coletivo Catita.

-
- 1 SimCity é um jogo de simulação da empresa Maxis.
 - 2 http://www.museodelprado.es/coleccion/galeria-on-line/galeria-on-line/obra/la-vista/?no_cache=1
 - 3 http://artebrasileira2000.blogspot.com.br/2007_07_01_archive.html
 - 4 FREIRE, Cristina. "Poéticas do processo: arte conceitual no museu". São Paulo: Iluminuras, 1999. pág. 36
 - 5 BEUYS, Joseph. Joseph Beuys: A revolução somos nós. Catálogo. São Paulo: SESC SP, 2010.
 - 6 Cfr. ANJOS, Moacir dos. Local/global: arte em trânsito. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

Cristiana Nogueira

Graduada em Educação Artística com ênfase em História da Arte pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UERJ, mestre em Arte e Cultura Contemporânea também pela UERJ. Leciona na área de História e Teoria da Arte na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e é coordenadora do Programa de Extensão Univercinema e líder do grupo de pesquisa NUFOC – Núcleo de Fotografia Contemporânea, além de atuar como artista visual.